

AS CRENÇAS NO RIO OITOCENTISTA:

UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO SAGRADO RELIGIOSO EM *ESAÚ E JACÓ* DE MACHADO DE ASSIS

BELIEFS IN THE 1800'S RIO:

A STUDY ABOUT THE REPRESENTATION OF THE RELIGIOUS SACRED IN *ESAÚ E JACÓ* OF MACHADO DE ASSIS

Welton Pereira e Silva¹

RESUMO: A obra machadiana possui todas as suas facetas amplamente estudadas e, como não poderia deixar de ser, a marca da religiosidade na produção literária deste autor é também uma característica que deve ser descrita e analisada. No presente trabalho, procuramos estudar os aspectos religiosos que compõem grande parte da temática do romance *Esaú e Jacó* (1904). Chamamos a atenção, nesta análise, para o destaque que Machado de Assis dá ao sincretismo religioso tão característico da cultura brasileira, já que, apesar de profundamente influenciado pela tradição cristã, o romance supracitado descreve cenas, idéias e reflexões que se relacionam com outras crenças e religiões.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças. Sagrado religioso. Esaú e Jacó.

ABSTRACT: Machado de Assis' work has all its faces very studied and the brand of religiosity in the literary production of this author is also a feature that should be described and analyzed. In this research, we tried to study the religious aspects that make up much of the novel's thematic *Esaú e Jacó* (1904). We point in this analysis the highlight that Machado de Assis gives to the religious syncretism, so characteristic of Brazilian culture, to the extent that, although deeply influenced by the Christian tradition, this novel describes scenes, ideas and reflections related to other faiths and religions.

KEYWORDS: Beliefs. Religious sacred. Esaú e Jacó.

Introdução

¹ Mestrando em Letras na Universidade Federal de Viçosa (UFV – MG).
weltonp.silva@hotmail.com

A obra machadiana possui muitas faces a serem exploradas e, dentre essas, os aspectos religiosos presentes no espólio de Machado de Assis merecem uma atenção particular por parte dos estudos literários. Em *Esau e Jacó*, obra que nos propusemos a analisar, as influências religiosas já se mostram presentes no próprio título, já que Esau e Jacó, filhos de Isaac, são dois gêmeos cuja história é narrada no livro de Gênesis. Assim sendo, tomando por base alguns textos produzidos sob a ótica da Teopoética, fazemos nesse trabalho uma análise acerca dos aspectos religiosos encontrados na obra supracitada e a maneira como o narrador descreve a relação entre crenças diferentes no Rio de Janeiro do século XIX. Além disso, esse trabalho se faz relevante na medida em que muito pouco se produziu sobre o caráter religioso da produção literária de Machado de Assis. Dessa forma, na primeira parte, nos propusemos a apresentar a área de estudos comparados chamada de Teopoética, posteriormente discorreremos a respeito da presença da religiosidade no espólio machadiano para, na terceira parte, nos debruçarmos sobre a obra *Esau e Jacó* analisando as marcas da religiosidade presentes na mesma. Para a presente análise, além da Bíblia, edição Pastoral, utilizamos o que FERRAZ (2012), GASPARI (2011) e MAGALHÃES (2008) nos dizem a respeito dos estudos comparativos entre Literatura e Religião.

1. Teopoética: entrecruzamento entre literatura e teologia

As reflexões acerca das influências religiosas encontradas em textos literários vêm sendo feitas já há bastante tempo, mas apenas recentemente uma área de pesquisa com metodologia própria vem se consolidando com a finalidade de estudar e procurar entender a maneira como se dão essas influências. A Teopoética, como se intitulam os estudos comparativos feitos no âmbito da literatura e teologia tem se destacado em diversas universidades e vem ganhando espaço na academia com diversos artigos publicados por literatos e teólogos. Segundo a professora Salma Ferraz (2012),

a *Teopoética* foi proposta por Karl-Josef Kuschel e trata-se de um novo ramo de estudos acadêmicos voltado para o discurso crítico-literário sobre Deus, a análise literária efetivada por meio de uma reflexão teológica, o diálogo interdisciplinar possível entre Teologia e Literatura. (FERRAZ, 2012, p. 38)

Na medida em que a teopoética se preocupa com os textos literários que se referem a Deus, ao sagrado, os estudos sobre as interseções entre algumas obras literárias e a Bíblia se fazem pertinentes e necessários, afinal, a Bíblia é o livro mais lido no mundo e, sem dúvidas, influenciou grande parte da produção literária ocidental. Além disso, sabemos que nenhum texto é um produto puramente inédito, mas sim, um apanhado de vários textos que foram escritos antes dele e aos quais o autor teve acesso. A esse fenômeno dá-se o nome de intertextualidade. É interessante destacar, porém, que os estudos teopoéticos não pretendem se focar apenas em uma dada visão acerca da religião e das crenças. Nessa medida, qualquer texto literário pode ser passível de análise, sejam aqueles tidos como “literatura cristã”, ou os chamados “profanos”. Mesmo algum texto explicitamente ateu pode ser analisado na medida em que estes também têm relação com os conceitos religiosos, mesmo que seja para negá-los.

No que diz respeito aos ganhos por parte da Teologia, devemos levar em conta que essa área de estudo procura, dentre outros objetivos, compreender o humano e sua crença no sagrado e, como nos lembra a professora Silvana de Gaspari, “a literatura torna-se quase que um arquivo da natureza humana, material precioso para as reflexões de cunho teológico” (GASPARI, 2011, p. 127). A pesquisadora supracitada ainda nos lembra que “ler um livro que possua elementos religiosos como conteúdo é, além de entretenimento, ter a possibilidade de analisar seu discurso em função e em comparação com a idéia que temos de Deus e suas implicações na humanidade.” (GASPARI, 2011, p. 126).

Podemos perceber, então, que muitas são as formas de estudarmos as relações existentes entre o conceito religioso e a literatura. No entanto, os pesquisadores que procuram entrelaçar os estudos literários e teológicos são bastante raros, mesmo sendo a Bíblia um dos livros que mais influenciaram a cultura, a arte e, conseqüentemente, a literatura ocidental. Dentre essas variadas formas de abordagem, existem os estudos que tentam entender algumas questões religiosas através da literatura, outros, como este artigo, se debruçam sobre os aspectos religiosos presentes em uma determinada obra literária e ainda existem alguns estudiosos que buscam estudar as Escrituras sob a luz das teorias literárias, já que eles entendem os textos sagrados como um conjunto de narrativas:

Os textos bíblicos são sucintos, quando comparados a outros considerados fundamentos da literatura ocidental, como é o caso dos textos de Homero. A riqueza da Bíblia como obra literária reside, portanto, mais na complexidade e intensidade de tramas e personagens que na narração prolixa e detalhista. Grandes estórias bíblicas como **Esau e Jacó**, José e seus Irmãos, Caim e Abel, são narradas de forma curta, ao mesmo tempo primam pela complexidade e intensidade. (grifo nosso) (MAGALHÃES, 2008, p. 03).

No excerto acima, notamos que o professor Antônio Magalhães citou a história de Esau e Jacó como um texto passível de ser analisado literariamente. A história dos dois gêmeos não influenciou apenas a criação em prosa de Machado, mas também inspirou o lirismo do poeta português Luíz Vaz de Camões que escreveu o seguinte soneto tratando de um trecho da história dos filhos de Isaac:

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia o pai, servia a ela,
e a ela só por prémio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assi negada a sua pastora,
como se não a tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos,
dizendo: Mais servira, se não fora
pera tão longo amor tão curta a vida!

O poema acima foi criado tomando por base a história de Jacó, o gêmeo mais novo, depois que esse vai para a casa de seu tio e acaba por desposar as duas filhas deste, justamente por ter sido enganado por Labão, pai das jovens. A respeito desse soneto, Ferreira (2010) nos diz que nele:

Pudemos perceber (...) que Camões é fiel a idéia do texto Bíblico, entretanto, ao transformar um texto narrativo em um soneto/poema lírico amoroso, ele suaviza a atitude de Labão, supervalorizando o amor de Jacob por Raquel. Nesse sentido, o poeta português reescreve o texto Bíblico e o transforma em arte literária, destituindo-o de valor religioso e moral, o que seria a intenção do texto bíblico. (FERREIRA, 2010, p. 06)

Pela análise do poema acima, notamos que os textos bíblicos influenciaram e continuam influenciando grande parte da produção literária ocidental e, por isso, os estudos que tomam por base esses pressupostos são amplamente pertinentes tanto para os estudos da crítica literária como para os da teologia.

2. A religiosidade na obra do Bruxo de Cosme Velho

Mesmo não sendo autor de uma literatura que poderia ser chamada de “cristã”, a vasta obra machadiana possui muita influência das crenças religiosas, nomeadamente as da Igreja Católica e, por isso, o estudo desses aspectos se faz relevante. A respeito disso, Salma Ferraz (2012) nos lembra que

Um dos eixos preferidos na obra de Machado é o constante intertexto com a Bíblia. Isto pode ser constatado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e em vários contos. Alguns trabalhos já foram escritos explorando este eixo da obra de Machado, mas talvez fosse o caso de se retomar esta linha de análise, agora com o instrumental teórico correto sobre os estudos comparados entre Teologia e Literatura. (FERRAZ, 2012, p. 45)

Sendo o Brasil um país católico desde seu nascimento, na medida em que uma missa foi celebrada logo quando os primeiros portugueses aqui desembarcaram, podemos

entender sem grandes dificuldades o porquê de tantas obras do cânone literário brasileiro trazerem algum tipo de referência religiosa. Na verdade, a posição do catolicismo como a religião oficial do Brasil foi assegurada pela *Constituição Política do Império do Brasil (de 25 de março de 1824)* que diz em seu artigo 5 do Título 1º que “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fôrma alguma exterior do Templo.” Notamos assim que, apesar de garantir o lugar privilegiado do catolicismo, a Constituição de 1824 também assegurava o direito à plurimanifestação de crenças, mesmo exigindo que as demais religiões se restringissem ao ambiente particular ou doméstico. Do mesmo modo, os direitos básicos dos seguidores dessas crenças eram igualmente assegurados no parágrafo V do Título 8º dessa mesma Constituição: “Ninguém pôde ser perseguido por motivo de Religião, uma vez que respeite a do Estado, e não offenda a Moral Publica.” Ou seja, mesmo o catolicismo sendo a religião oficial, até mesmo a Constituição reconhece a existência de várias crenças distintas no Brasil do século XIX e garante o mínimo de respeito para com os seus praticantes.

Voltando a falar do nosso autor, não podemos ter a pretensão de defender uma possível filiação religiosa de Machado de Assis. Alguns críticos defendem que ele morreu negando a extrema unção e sem professar fé alguma. Entretanto, podemos notar claramente que o maior escritor brasileiro possuía muitos conhecimentos acerca da doutrina e das práticas católicas, o que não poderia deixar de ser, visto que ainda hoje o catolicismo é a religião de maior expressão no Brasil. Sobre isso, em sua dissertação de mestrado, Fernando Machado Brum (2009) afirma o seguinte:

Machado deu provas de conhecer a fundo cada um dos mecanismos presentes na religião – em especial a católica – e fazê-los falar na sua obra. Seus contos e romances estão repletos de padres e ritos, mas, mais que isso, estão cheios, direta ou indiretamente, também de passagens bíblicas, imagens da tradição católica e personagens dessa tradição e, ainda, símbolos que se identificam com o pensamento cristão” (BRUM, 2009, p. 17)

Em vários contos e romances podemos encontrar referências a certos costumes e crenças cristãs, como a frequência a missas, cenas do clero e crenças diversas de origem

católica. A obra machadiana foi concebida em um momento religioso e político bastante distinto do qual passamos hoje e, por isso, buscar compreender as menções religiosas sob o ponto de vista do homem oitocentista é uma tarefa necessária, embora não facilmente atingível. Para começar, devemos nos lembrar de que a Igreja Católica ainda exercia uma grande influência sobre as questões políticas no século XIX. Desde a Idade Média, o trono e o altar mantinham relações bastante estreitas e as opiniões clericais eram levadas em consideração pela grande maioria dos monarcas.

Dessa forma, o clero possuía bastante influência na sociedade brasileira do século XIX e, como um verdadeiro crítico da nossa sociedade, Machado de Assis não poderia deixar de representar esse fato em sua obra literária, pois mesmo com as idéias positivistas em voga e o problema entre a Igreja Católica e o Estado na década de 1870 chamado de *Questão Religiosa*, o povo brasileiro foi sempre muito religioso e supersticioso. Não podemos nos esquecer também de que uma das intenções principais do Realismo era a descrição mais fiel possível das práticas sociais. Devido a isso, Machado “expressou estados de alma, figurou situações religiosas, entrou nas credices populares, criticou algumas práticas espirituais, mas, acima de tudo, representou o ser humano na sua profundidade e nas suas mais diversas nuances.” (BRUM, 2009, p. 21).

Dito isso, passemos agora a analisar alguns aspectos referentes ao sagrado religioso presentes no penúltimo romance escrito por Machado de Assis: *Esaú e Jacó*.

3. Reflexos de crenças religiosas em *Esaú e Jacó*

A começar pelo título da obra, o penúltimo romance machadiano já nos apresenta uma intertextualidade explícita com as Sagradas Escrituras. O livro nos conta a história dos gêmeos Pedro e Paulo. Filhos de uma abastada família carioca, os gêmeos idênticos têm a característica marcante de serem completamente diferentes em suas personalidades. Essas diferenças servem de motivação para que, desde cedo, os dois sejam rivais em quase todas as esferas da vida pública e privada, inclusive no amor. Essa disputa já havia começado desde antes do nascimento dos gêmeos, conforme foi revelado à dona Natividade, mãe dos rapazes,

pela cabocla do Castelo, uma vidente que morava no morro que lhe empresta o nome. Durante os períodos finais da gestação, dona Natividade havia sentido fortes desconfortos, e isso serviu como um fato comprovativo daquilo que a cabocla havia lhe dito. Essa é a primeira intertextualidade entre a história de Pedro e Paulo e a dos gêmeos fraternos Esaú e Jacó. A história dos gêmeos bíblicos é narrada no Livro de Gênesis. Esaú e Jacó, filhos de Isaac que por sua vez era filho de Abraão e Sara, mantinham uma relação bastante conflituosa que também se originou no útero materno. Ambos disputavam o direito da primogenitura e nenhum deles queria perder a peleja. No entanto, Esaú acabou por nascer primeiro, mas foi logo seguido por Jacó, que nasceu segurando no calcanhar do irmão mais velho:

Isaac implorou a Javé por sua mulher, porque ela era estéril: Javé o escutou e sua mulher Rebeca ficou grávida. As crianças, porém, lutavam dentro dela. (...) Quando chegou o dia do parto, Rebeca teve gêmeos. O primeiro saiu: era ruivo e peludo como um manto de pêlos, e lhe deram o nome de Esaú. Em seguida, saiu seu irmão, com a mão segurando o calcanhar de Esaú, e lhe deram o nome de Jacó. (Gn: 25, 21-22; 24-26)

Com o passar do tempo, Esaú e Jacó continuaram com suas disputas, o que levou Jacó a sair de casa depois de ter usurpado o lugar de seu irmão mais velho e tomado a benção derradeira de Isaac moribundo em seu lugar. As semelhanças entre os dois pares de gêmeos se situam no plano da personalidade, já que Pedro e Paulo eram gêmeos monozigóticos e, portanto, idênticos e Esaú e Jacó nasceram bastante diferentes entre si, Esaú ruivo e peludo e Jacó, sem pêlos, conforme a descrição bíblica.

O episódio da cabocla do Castelo apresenta outro fator interessante para um trabalho que se propõe a analisar as questões religiosas na referida obra. Como um país que possui uma população altamente miscigenada, o Brasil apresenta também um grande sincretismo religioso. As influências das religiões indígenas e africanas foram percebidas no imaginário cristão do povo brasileiro desde muito cedo e isso se refletiu em muitas obras da nossa literatura. Nesse episódio, a cabocla do Morro do Castelo aparece como uma espécie de sacerdotisa, personagem misteriosa bastante freqüente nas religiões pagãs. Inclusive, a vidente chega a ser comparada com a Pítia, a Pitonisa do templo de Apolo em Delfos. Essa sacerdotisa grega, conforme o Legalismo, a religião oficial da Grécia antiga, oferecia um

oráculo sempre ambíguo ou genérico para seus clientes. Da mesma forma fez a cabocla do Castelo que, ao ser indagada sobre o futuro dos gêmeos, vaticinou apenas que eles seriam grandes. Analisando o ambiente da casa de Bárbara, a cabocla, já podemos notar o sincretismo tão característico da religiosidade brasileira:

Velho caboclo, pai da adivinha, conduziu as senhoras à sala. Esta era simples, as paredes nuas, nada que lembrasse mistério ou incutisse pavor, nenhum apetrecho simbólico, nenhum bicho empalhado, esqueleto ou desenho de aleijões. Quando muito um registro da Conceição colado à parede podia lembrar um mistério, apesar de encardido e moído, mas não metia medo.” (ASSIS, 1967, p. 32)

No trecho acima, notamos que ao invés das imagens que povoam o imaginário esotérico, o que o narrador descreve é uma gravura da Imaculada Conceição, uma figura do catolicismo. Ou seja, a cabocla que atua como uma espécie de sacerdotisa é devota da Igreja de Roma, chegando a acreditar que suas visões eram fruto da inspiração divina tal como acontecia com a Pitonisa de Delfos, mas esta era inspirada por Apolo.

Outra passagem que demonstra a formação múltipla das idéias religiosas no Brasil é o episódio no qual Santos, o pai dos gêmeos, visita Plácido, um amigo que é um guia espírita. No século XIX, as idéias da doutrina espírita surgidas na França repercutiram no Brasil. Em 1858, a publicação do *Livro dos Espíritos* do médico Hippolyte Léon Denizar Rivail (1804-69), mais conhecido pelo seu pseudônimo Allan Kardec, lançou as bases de uma nova doutrina que se propunha cristã: o espiritismo. Como um homem atento à sociedade da qual fazia parte, Machado não deixou de representar essas novas tendências religiosas em sua obra. Observe o trecho que se segue logo após Santos, em uma conversa com o mestre Plácido, cogitar a possibilidade de seus filhos serem a reencarnação dos apóstolos Pedro e Paulo:

Santos foi mais ao fundo; não seriam os dois meninos os próprios espíritos de S. Pedro e de S. Paulo, que renasciam agora, e ele, pai dos dois apóstolos?... A fé transfigura; Santos tinha um ar quase divino, trepou em si mesmo, e os olhos, ordinariamente sem expressão, pareciam entornar a chama da vida. Pai de apóstolos! E que apóstolos! Plácido esteve quase, quase a crer também, achava-se dentro de um mar torvo, soturno, onde as vozes do infinito se perdiam, mas logo lhe acudia que os espíritos de S. Pedro e S. Paulo tinham chegado à perfeição; não tornariam cá. Não

importa; seriam outros, grandes e nobres. Os seus destinos podiam ser brilhantes; tinha razão a cabocla, sem saber o que dizia. (ASSIS, 1967, p. 65)

Notamos, no parágrafo anterior, que a reencarnação espiritual é tida como uma possibilidade real para os dois personagens, mesmo sendo Agostinho Santos alguém que se diz católico. É interessante ressaltar que foi nesse capítulo que apareceu a comparação direta entre a briga intrauterina dos gêmeos Pedro e Paulo e a de Esaú e Jacó.

A onomástica dos personagens também é um fator que devemos levar em consideração. Nos atendo apenas à família que protagoniza o romance, notamos que os nomes dos gêmeos foi uma inspiração que a tia dos rapazes teve ao rezar a oração do Credo. Assim, a dupla recebeu os nomes daqueles que talvez sejam os mais famosos seguidores de Cristo: São Pedro e São Paulo. Apesar de o apóstolo Pedro ser considerado pela tradição católica o mais enérgico dentre os Doze, sendo aquele que cortou com uma espada a orelha de um dos soldados que avançaram para prender Cristo, os papéis são invertidos no que diz respeito aos gêmeos, já que o mais sereno entre eles é quem recebe o nome de Pedro. Os pais dos dois são batizados, igualmente, com nomes que remetem à tradição cristã. Maria Natividade recebe o mesmo nome da mãe de Cristo e seu sobrenome relembra o próprio nascimento do filho de Deus. O pai, por sua vez, recebe o nome de um dos doutores da Igreja Católica, Santo Agostinho.

Outro personagem cuja onomástica pode nos oferecer uma interpretação interessante é a Cabocla do Castelo. Bárbara, a vidente, possui seu nome derivado do lexema *bárbaro*, que provém do grego βάρβαρος, palavra cujo estudo etimológico comprova ser oriunda de uma forma onomatopaica que significava algo semelhante ao nosso coloquial “blá-blá-blá”, já que para os gregos, bárbaro era aquele que não dominava o idioma grego e a cultura helênica. Mais tarde, por um processo de extensão semântica, o termo passou também a denominar todo o tipo de pessoa ou atitude rude. Notamos, nessa pequena análise, que talvez o nome da Cabocla não tenha sido escolhido aleatoriamente, afinal, por sua habilidade oracular, ela se distancia dos costumes da religião e cultura hegemônicas passando a ser bárbara no sentido primitivo do termo.

Voltando à questão religiosa, encontramos em outro momento da obra o narrador fazendo uma espécie de profissão de fé, já que, para ele, a única coisa em que se deve crer sem erro é que Deus é Deus:

Pela minha parte creio na ciência como na poesia, mas há exceções, amigo. Sucede, às vezes, que a natureza faz outra coisa, e nem por isso as plantas deixam de crescer e as estrelas de luzir. O que se deve crer sem erro é que Deus é Deus; e, se alguma rapariga árabe me estiver lendo, ponha-lhe Alá! Todas as línguas vão dar ao Céu. (ASSIS, 1967, p. 90)

Note que o narrador, além de anunciar em certa medida sua própria fé, ainda se mostra tolerante ao fazer referência à substituição do lexema Deus por Alá, nome árabe que significa justamente “deus” (Allah), já que a crença em uma divindade única não é uma característica puramente cristã. A ideia expressa na última frase da referência citada acima é também interessante de se analisar, pois ao que parece, para o narrador, não importam as questões de nomeação do divino próprias de cada cultura, mas sim a questão escatológica do fim único, da recompensa pós-vida, que une grande parte das crenças religiosas. Outro aspecto que merece atenção devido a sua relevância para nosso tema de análise é a menção que o narrador faz às crenças islâmicas. Na medida em que a natureza miscigenada da cultura brasileira é salientada nesse romance, a lembrança, mesmo que de passagem, da cultura e religiosidade árabe também se fez necessária.

Do mesmo modo, no que diz respeito ao cristianismo, não é apenas a parte referente a Cristo e aos seus seguidores que deve ser lembrada, mas também deve-se levar em conta a sua contraparte maligna: o Diabo. A tradição cristã mantém em seu imaginário um lugar privilegiado para aquele que foi tido com o Inimigo de Deus, afinal, toda a doutrina cristã se fundamenta na dicotomia Cristo (salvação) e Diabo (danação). Dentro desse imaginário, a figura da mulher mantém uma relação bem próxima com a figura do Inimigo, pois de acordo com as crenças judaico-cristãs, foi através de Eva, aceitando a tentação da serpente, que o pecado entrou no mundo e, através dele, a influência do Diabo cresce no seio da comunidade dos servos de Deus. Durante a evolução do pensamento cristão,

Em toda parte se vê o diabólico, o mundo inteiro é por ele invadido. E sua vítima é, por excelência, a *mulher*. Porque a mulher está mais predestinada ao Mal que o homem, segundo os textos bíblicos – “Toda a malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher; que a sorte dos pecadores caia sobre ela!” (Eclesiástico 25:26) – e os primeiros teólogos cristãos. (NOGUEIRA, 2000, p. 42)

Notamos então que a imagem feminina mantém uma ligação estreita com a do Diabo de acordo com as tradições das religiões fundamentadas, sobretudo, na Bíblia e esse aspecto não deixou de ser representado por Machado em *Esau e Jacó*. No capítulo XLVII, intitulado “S. Mateus, IV, 1 – 10”, o narrador descreve a cena em que Batista é “tentado” a se mostrar liberal por sua esposa D. Cláudia e, portanto, contra o regime monárquico. Durante todo o decorrer do capítulo, o marido se vê na posição de Cristo que havia sido tentado pelo Diabo no deserto. No caso, sua mulher fazia a vez do Diabo: “Batista, se tivesse de ceder, cederia à mulher ou ao Diabo, sinônimos neste capítulo”. (ASSIS, 1967, p. 126). Um pouco antes da atribuição sinonímica entre a mulher e Satã, o narrador descreve o final da cena da “tentação”, na qual, depois de ouvir a mulher sobre a possibilidade de ser-lhe atribuído o título de presidente de alguma província, a filha do casal, Flora, chega e diz que não gostaria de se mudar do Rio:

O pai não apurou as causas da recusa; supô-las políticas, e achou novas fôrças para resistir às tentações de D. Cláudia: “Vai-te, Satanás; porque escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a ele servirás.” E seguiu-se como na Escritura: “Então o deixou o Diabo; e eis que chegaram os anjos e o serviram.” Os anjos foram só um, que valia por muitos (...). (ASSIS, 1967, p. 126)

Nesse trecho, os versículos bíblicos são reproduzidos como partes da narrativa e como se fossem as próprias falas que Batista dirigia a D. Cláudia. Fazendo ainda mais alguns paralelos com o texto de Mateus que intitula o capítulo, podemos ver que Flora é comparada aos anjos que apareceram para servir a Jesus.

Durante todo o decorrer da obra, muitas outras menções ao catolicismo foram feitas e até mesmo algumas críticas como a que o autor faz à corrupção dentro da Igreja que foi representada pelo amigo das almas que, ao retirar para si uma nota de alto valor monetário doada por dona Natividade para as almas do Purgatório, demonstra um caráter contrário ao que normalmente se espera de um servo da Igreja.

Desse modo, por tudo isso que foi mostrado e analisado no presente artigo, notamos que o penúltimo romance de Machado de Assis trata o tema do sagrado religioso no Rio de Janeiro do século dezenove com uma descrição bastante próxima da realidade, na medida em que relata a mistura de crenças presentes na sociedade brasileira desde seus primórdios.

Considerações Finais:

O romance *Esau e Jacó* apresenta para o leitor uma visão da religiosidade e do misticismo presentes no Rio de Janeiro oitocentista. Além de notarmos uma grande intertextualidade com alguns textos bíblicos, inclusive o episódio dos gêmeos que nomeiam a obra, pudemos perceber que Machado de Assis representou as atitudes populares no que diz respeito às relações existentes entre as crenças católicas e algumas outras, como o espiritismo e as crenças pagãs. Dessa forma, o autor acabou por demonstrar um profundo conhecimento acerca das religiões que se faziam presentes na sociedade brasileira àquela altura, além de nos apresentar a maneira como se davam algumas possíveis relações entre essas crenças em determinadas esferas da sociedade carioca do século XIX.

Referências bibliográficas:

- ASSIS, J. M. Machado de. *Esau e Jacó*. Editora Tecnoprinte. Rio de Janeiro: 1967.
- BRUM, Fernando Machado. *Literatura e Religião: Estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis*. UFRGS. Porto Alegre: 2009.
- CALVALANTE, Sandra Maria Silva. *O fenômeno da intertextualidade em uma perspectiva cognitiva*. UFMG. Belo Horizonte: 2009.
- FERRAZ, Salma. *O Bruxo do Cosme Velho decretou a morte do Diabo* in *As malasartes de Lúcifer, Textos críticos de Teologia e Literatura*. Eduel. Londrina: 2012.

FERREIRA, Maria Aparecida da Costa Gonçalves. *Camões e a bíblia: intertextualidade na literatura portuguesa*. In Darandina, revista eletrônica, UFJF. Juiz de Fora: 2010.

GASPARI, Silvana de. *Tecendo comparações entre teologia e literatura* in FERRAZ, Salma. *Pólen do Divino, Textos de Teologia e Literatura*. Edifurb/Fapesc. Blumenau: 2011.

MAGALHÃES, Antonio. *A Bíblia como obra literária. Hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia*. XI Congresso Internacional da ABRALIC: *Tessituras, interações, convergências*. USP. São Paulo: 2008.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *O sagrado na poesia e na religião* in FERRAZ, Salma. *Pólen do Divino, Textos de Teologia e Literatura*. Edifurb/Fapesc. Blumenau: 2011.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. EDUSC. Bauru: 2000.

PETRAGLIA, Benito. *Esau e Jacó – um pouco de teoria* in *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. Volume VI, número XXIII. Rio de Janeiro: 2007.

Constituição Política do Império do Brazil (de 25 de março de 1824). Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm>. Acesso em: 10 fev 2012.

Gênesis: 25, 19-28. *Bíblia Sagrada*, Edição Pastoral. Editora Paulus. São Paulo, 1990.

Dicionário Etimológico online. Disponível em <www.dicionarioetimologico.com.br>. Acesso em 20 jan 13.